

CONVIVENDO COM O CÂNCER, CANTANDO...: UM PROJETO DE MUSICOTERAPIA NA CASA RONALD MCDONALD

Elisabeth Martins Petersen

bethpet@ajato.com.br

Daysi Fernandes Mouta

dmouta@terra.com.br

Luís de Moura Aragão

laragao@connection.com.br

Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário

Resumo

O presente trabalho resulta de uma prática clínica no atendimento musicoterápico a mães de crianças e adolescentes portadores de câncer, durante sua permanência em casas de apoio. Neste relato procuramos mostrar como o CANTO COLETIVO pôde tornar-se um instrumento terapêutico para elas, da melhoria das inter-relações no ambiente em que convivem e de valorização, que resultaram na produção de um CD. A riqueza da experiência suscitou na equipe a discussão das possibilidades da realização de pesquisa(s), a partir da necessidade de aprofundamentos teóricos no campo das práticas ecológicas em musicoterapia e do impacto que experiências musicoterápicas como essa podem provocar em outros espaços semelhantes.

Palavras-Chave: Musicoterapia, Canto, Práticas Ecológicas

Abstract

The present work results from a clinical practice in music therapy sessions with mothers of children and adolescents with cancer, during their stay in support homes. This report aims to show how COLECTIVE SINGING could become a therapeutic instrument for them, improving the interrelations in their environment as well as their self-esteem, which resulted in the production of a CD. The richness of the experience inspired, among the team, a discussion on the possibilities of doing research, from the necessity of theoretical deepening in the field of ecological practices in music therapy and the impact that the music therapeutic experiences can cause in other similar areas.

Keywords: Music Therapy, Singing, Ecological Practices

I. “Quero lhe contar de tudo que aconteceu comigo...”¹ (“Como Nossos Pais” - Belchior).

Este trabalho começa em agosto de 2004, na Casa Ronald McDonald²–Rio de Janeiro (CR), objetivando abrir um espaço terapêutico para as mães de crianças e adolescentes portadoras de neoplasia, onde o CANTO pudesse ser um facilitador da expressão dos sentimentos vividos nas dualidades de alegria e sofrimento, prazer e dor, vida e morte, no enfrentamento de um tratamento quimioterápico.

O Setor de Musicoterapia, implantado em 1995 pela MT MS Marly Chagas, hoje é coordenado pela MT Daniela Périssé Pastana, e conta com musicoterapeutas e estudantes do curso de graduação. Nos últimos dois anos o atendimento às mães em grupos de musicoterapia foi interrompido e, em abril de 2004, propusemos retomá-lo, por percebermos a necessidade da continuidade daquele que se configurou como um espaço para compartilharem suas angústias frente à doença dos filhos, a distância de suas famílias, e nas novas situações de convivência comunitária.³

As dificuldades de relacionamento entre as mães e a baixa frequência registrada nas outras terapias oferecidas pela CR, fizeram-nos pensar num melhor formato de *setting* terapêutico, que se configurasse como um ponto de confluência para os que quisessem participar. Nossa Supervisora, e então coordenadora dos atendimentos Psicossociais da CR, sugeriu um *setting* aberto, itinerante, tendo o nome de CANTORIA/MT.

II. “Ando por aí querendo te encontrar...” (“Palavras ao Vento” – Cássia Eller).

A riqueza da experiência realizada nesses primeiros 6 meses da CANTORIA/MT suscitou-nos um mergulho no registro das sessões, buscando entender o que se produzia através do CANTO e como isso se refletia na convivência com os filhos, com os outros integrantes da CR (hóspedes, voluntários e funcionários) e com os familiares, no retorno às suas casas.

O que acontecia nesses encontros – as CANTORIAS/MT?

¹Os títulos das seções deste artigo foram escolhidos dentre as músicas que eram trazidas pelas mães para a CANTORIA.

²Nome como é mais conhecida a Casa de Apoio à Criança com Neoplasia, destinada a “hospedar” até 33 (trinta e três) crianças e adolescentes que precisem submeter-se a tratamento oncológico e morem fora do Rio de Janeiro ou em situações que comprometam esse processo.

³CHAGAS,M. (2004)

De que forma o CANTO ajudava na (re) estruturação interna das mães para melhor lidarem com a doença (um câncer) de um filho, longe da família, e a expectativa do tratamento?

Como essa prática musicoterápica pode tornar-se uma eficiente intervenção ecológica⁴ e suporte terapêutico em outros campos de trabalho semelhantes? É isto que vamos lhes contar.

III. “*Eu tenho andado tão sozinho ultimamente, que nem vejo à minha frente nada que me dê prazer...*” (“*Casinha Branca*”- Gilson)

Ter prazer. Fazer algo para si (mãe de um filho com câncer). Resgatar uma identidade esquecida. Este o nosso desafio. Fazê-las perceber que o espaço que garantiríamos – uma vez por semana, durante uma hora – seria delas, para poderem CANTAR, viajar dali para qualquer lugar aonde a música pudesse levá-las. Como?

Nossa primeira aproximação se deu ainda na hora do jantar – momento de total partilha. Enquanto explicávamos nossa proposta de trabalho, íamos conhecendo suas preferências musicais e construindo os primeiros vínculos terapêuticos, com muito carinho e respeito. Desde então, nossa intenção era mostrar que não precisavam ser “artistas” para estarem conosco cantando: o objetivo maior era estarem juntas, dedicando um tempo para fazerem algo para si mesmas – CANTAR – o que quisessem, do jeito que soubessem.

As primeiras manifestações demonstravam o que já vislumbrávamos: “*Ah, só gosto de hinos*”⁵ (sic), ou então “*... não tenho nem mais gosto para cantar...*” (sic).

A possibilidade da realização das sessões a cada semana num lugar diferente da CR criava uma expectativa para ambos –musicoterapeutas e clientes: era uma experiência nova.

A primeira sessão aconteceu, então, num espaço a céu aberto – a churrasqueira⁶ - e também aberto para quem quisesse chegar – como os voluntários, que se integraram às

⁴ BRUSCIA (2000:239) classifica como prática ecológica em musicoterapia a possibilidade de “ultrapassar os limites das salas de tratamento” e se estender a outros níveis de relações, “para além da relação cliente-terapeuta... [:] entre o cliente e a comunidade, ... o terapeuta e a comunidade,...os membros da comunidade”

⁵ Referiam-se aos cânticos evangélicos

⁶ Área interna, aberta, nos fundos da Casa, contígua ao refeitório e para onde dão parte dos quartos dos “hóspedes” com pequenas varandas, onde algumas mães e crianças ficam, acompanhando a CANTORIA.

mães, cantando junto e trazendo também seu repertório de canções. As primeiras mães chegavam timidamente, querendo mais ouvir do que cantar. No início, fomos nós que trouxemos as primeiras canções, num claro objetivo de desencadear⁷ o processo musicoterápico. Aos poucos as mães foram se soltando, pedindo que as acompanhássemos, até que um voluntário sugeriu “*É Preciso Saber Viver*” (Roberto Carlos), que envolveu a todos numa *Experiência Culminante*⁸ e mostrou-nos ali, na primeira CANTORIA/MT, o que viria a configurar-se o grande acerto na escolha desse tipo de atendimento musicoterápico.

Outra novidade era o teclado, que funcionava como “Instrumento Guia ou Continente”⁹ ampliando as possibilidades de suporte melódico e harmônico, e dividia o espaço com o violão, e os instrumentos de percussão (estes de menor interesse para as mães).

A *Re-criação Vocal*¹⁰ de canções pré-compostas (com letras ou de memória), mais que o tocar e/ou improvisar, foi a experiência musicoterápica que mais lhes causou satisfação e prazer: “*Uma pessoa se expressa em suas ações e movimentos e, quando sua auto-expressão é livre e apropriada à realidade da sua situação, experimentará uma sensação de satisfação e prazer produzida pela descarga da energia.*” (Lowen apud Chagas, 1997).

A voz, por si, traz uma carga energética muito intensa. A utilização do canto, a emissão de sons das mais variadas formas, sem grandes exigências técnicas e estéticas, objetivou, terapeuticamente, o re-equilíbrio natural das tensões e (através) das emoções. 1010

As CANTORIAS/MT iam se sucedendo: na churrasqueira, no fumódromo¹¹, na Sala de Visitas. Mesmo em locais variados e apesar da grande rotatividade dos “hóspedes”¹² na CR, o caráter “sagrado” do *setting*¹³ mantinha-se com vínculos terapêuticos de confiança entre clientes (as mães) e musicoterapeutas, no respeito às singularidades, à importância de trazerem “suas” músicas (ou fragmentos), e na aceitação de um fazer musical sem juízo

⁷CANÇÃO DESENCADANTE - conceito do MT Murillo Brito (2001)

⁸Conceito de MASLOW (1968) para “...momentos especialmente ...excitantes... descarga total, catarse, clímax, consumação... provocados pela exposição à arte ou à música”

⁹ZANINI,C. (2002)

¹⁰ Tipo de Experiência Re-criativa(BRUSCIA,2000:126-127):“...inclui...reproduzir, transformar e interpretar qualquer parte ou o todo de um modelo musical existente...[com] objetivos clínicos [de] ... melhorar as habilidades interativas e de grupo...e saberem expressar suas idéias e sentimentos (suas identidades próprias), entendendo e adaptando-se aos outros”.

¹¹ Área externa, na lateral da Casa, ao ar livre, de frente para a rua onde as mães se reúnem para fumar.

¹² A permanência de mães e filhos na CR se dá enquanto dura o tratamento; depende do tipo e das possibilidades de retorno aos lares no intervalo entre a Químio, se não forem tão distantes

¹³ Barcellos (1999:20-22) aponta a necessidade de estabelecer-se, entre o cliente e o musicoterapeuta, o caráter sagrado da terapia, tanto de tempo quanto de espaço.

de valor. Importava mais as associações que faziam ao lembrar das músicas: situações vividas, sentimentos despertados,

“... [uma] *lembrança* “*interior*”, desencadeada pela livre associação a partir do próprio fluxo do pensamento, musicante que se intromete na cadeia de significantes, como... uma fresta aparentemente casual, que... explicita ao pensamento algo sobre o sentimento relacionado a determinada idéia, palavra, frase, imagem ou situação vivenciada momentaneamente.” (MILLECCO,2001:82)

A partir da consciência do próprio canto e da voz – só ou no conjunto - tornavam-se mais fortalecidas para lidarem com a doença dos filhos, exprimindo sua subjetividade. Mesmo vivendo urgência, e tudo girar em torno da “aceitação de ordens médicas” percebiam a importância de terem um espaço de “terapia mesmo, numa grande família” (sic). Os filhos, no início, provocavam muita balburdia. Conforme iam sentindo a diferença das próprias mães, começavam a incentivá-las a irem para a CANTORIA: “mãe, eles chegaram” (sic).

De totalmente desacreditadas como capazes de produzir algo, as mães passaram a investir na possibilidade de gravarem um CD, idéia que imediatamente “comparamos” e na qual passamos a trabalhar. A interrogação provocada em suas vidas com a doença do filho tira-lhes a perspectiva de criar, de improvisar: elas pedem estabilidade, segurança. E isso nós lhes proporcionávamos.

IV. “*Quero que valorize o que você tem, você é um ser, você é alguém tão importante...*” (“*O Mover do Espírito*”-Armando Filho.)

Uma *Produção Musical*¹⁴ criava uma forma de expectativa para o amanhã, investia-lhes de uma capacidade de criar algo delas que elevasse a auto-estima, transformando a auto-imagem, numa postura de maior confiança em si mesmas.

A seleção das músicas foi uma consequência natural do que acontecia nas CANTORIAS, uma escolha que envolveu as mães na tomada de várias decisões que levariam à gravação final: um repertório que contemplasse as várias preferências de estilos distintos (“*pode ter música religiosa e música ‘do mundo’?*” [sic]), o número de canções, os acompanhamentos instrumentais que mais lhes agradavam para cada tipo de música, e até a

¹⁴ *Experiência Re-Criativa* que tem por objetivo de apresentar-se para uma “platéia”, envolvendo o cliente em todos os preparativos, desde o planejamento até a apresentação (BRUSCIA:2000,127)

participação das crianças como “público que participa da gravação ao vivo do show de seu mais querido artista”!

Conforme a idéia do CD ia tomando corpo, as próprias mães que também não acreditavam que isto pudesse tornar-se realidade começaram a investir numa maior participação, convocando as companheiras para nossos encontros semanais.

Nas CANTORIAS de preparação para o CD, que deixaram de ser sessão sem perder o caráter terapêutico, houve a chance de ouvirem suas próprias vozes, e verem suas imagens nos vídeos produzidos¹⁵.

O CD tornava-se uma obra concreta, palpável, possível de ser mostrada, partilhada com os amigos e familiares (fora da CR), mostrando o que foi (é) possível realizar num espaço de convivência com a doença, o sofrimento, e poder extrair prazer e satisfação na construção de algo repleto de VIDA. Essas mães caminhavam centradas na dor, na ansiedade, numa suspensão de algo que poderia ou não se resolver (amputação, flagelo, perda, ganho, recuperação, cura), e o CD aconteceu como um desvio, embora paralelo, como um projeto possível de vida completa – com princípio/meio/fim, diferente do que era experimentado até então (as dissonâncias pelo “gosto amargo” dos dissabores de digerir uma inversão na ordem natural das coisas – uma possível morte do filho antes da mãe).

V. “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia... Há tanta vida lá fora e aqui dentro...” (“Como Uma Onda” – Lulu Santos)

A gravação digital do CD aconteceu na própria CR, onde a Sala de Vídeo foi transformada em estúdio, com aparelhagem própria e microfones. As mães esmeravam-se, agora numa melhor *performance*, num maior nível de exigências quanto à qualidade vocal para a gravação.

Vários dias foram dedicados para essa realização, com vibrante participação inclusive dos filhos, que formavam a platéia. Seguiu-se um processo de masterização e a produção da capa (fotos profissionais – figurinos caprichados – maquiagem das mães).

A culminância veio no dia da apresentação dos vídeos gravados durante todo o mês de dezembro na preparação, quando a Sala de Vídeo transformou-se num Cinema: as mães transformaram-se em artistas, com suas imagens projetadas no telão, o escurinho da Sala

¹⁵ Para as gravações em K7, CD e Vídeo havia prévia autorização dos participantes, que assinaram Termo de Consentimento.

ajudando a criar o clima, os comentários acerca das aparições tanto das mães como dos filhos. Do fundo da sala podia-se ver a felicidade e o entusiasmo estampado em suas fisionomias. A cada canção, todos cantavam juntos, baixinho, acompanhando o que acontecia na tela. O CD ficaria pronto antes do Natal. Seria um presente para elas e as famílias, distribuído antes de voltarem para suas casas. Para completar, a CR resolveu divulgá-lo pelo sistema interno de som - “Atenção mães cantoras da CR” (sic)

Elas tinham conseguido!

Com a repercussão do que conseguiram realizar, a CR consultou-nos sobre a viabilidade da criação de um Coro. Antes tão desacreditadas, agora as mães são valorizadas e solicitadas. São muitas as possibilidades de trabalho, de caráter terapêutico, que se apresentam daqui para frente.

Os encontros continuam. As músicas do CD ganharam um especial significado para todos, verdadeiros presentes para aqueles que chegam à CR e a quem as mães querem dedicar uma “força” especial. Como Millecco (2001:79),

“... acreditamos que a principal função da música esteja relacionada com a necessidade humana de expressar seu mundo interno, subjetivo, onde as emoções têm nuances, movimentos, que estão à margem de uma descrição discursiva. É uma outra forma de linguagem, *um esperanto de emoções*, uma espécie de representação simbólica análoga ao sonho, à fantasia,...”

O nome escolhido pelas mães para o CD, num desdobramento do sugerido por um dos adolescentes, demonstra o que a música tem representado para elas, através as CANTORIAS/MT: vida, esperança.

Daí o título “*MÃES À ESPERA DE UM MILAGRE*”.

O CANTO COLETIVO foi e continua sendo, com as mães da Casa Ronald McDonald, um grande instrumento terapêutico utilizado pela Musicoterapia.

Referências bibliográficas

- BARCELLOS, Lia R.M. Cadernos de Musicoterapia nº 4. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.
- BRITO, Murillo. A Canção Desencadeante. Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano IV, nº 5, p.94-97, 2001
- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CHAGAS, Marly. Musicoterapia em Psico-Oncologia. in Revista Brasileira de Musicoterapia, Ano IX, nº7, p.22-23, 2004.

_____. Musicoterapia e Psicoterapia Corporal-Aspectos de uma Relação Possível. Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano II, nº 3, p.17-25, 1997.

MASLOW, Abraham. Introdução à Psicologia do Ser. Rio de Janeiro: Eldorado, s/d, p.141.

MILLECO FILHO, Luiz A.; BRANDÃO, Maria R.E.; MILLECCO, Ronaldo P. É preciso Cantar-Musicoterapia, Cantos e Canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

ZANINI, Cláudia R.O. Musicoterapia: Semelhanças e Diferenças na Produção Musical de Alcoolistas e Esquizofrênicos. Revista Brasileira de Musicoterapia, Ano V, nº6, p.102, 2002.